

A Roda de Conversa

Com foco na dimensão do Sentir



Uma proposta de Educação Emocional para a Educação Infantil

Dirciane Muniz

Orientação: Viviane de Bona

ISBN: 978-65-01-04257-2

Recife
2024

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Educação
Programa de pós-graduação Profissional em Educação Básica
(MPEB)

Coordenação
Viviane de Bona e Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Diagramação: Dirciane Muniz e Pedro Muniz
Capa e Ilustração: Pedro Muniz
Revisão textual e Ortográfica: Greyce Falcão
Normalização: Viviane de Bona e Dirciane Muniz

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Muniz, Dirciane Maria Gonçalves Coelho.

A roda de conversa com foco na dimensão do sentir: uma proposta de educação emocional para a educação infantil / Dirciane Maria Gonçalves Coelho Muniz. - Recife, 2024.

33 p. : il.

Orientador(a): Viviane de Bona

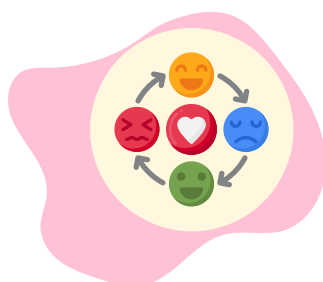
Produtos (Pós-Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Básica, 2024.

Produto vinculado a dissertação/tese intitulada: A inserção da educação emocional a partir da roda de conversa na educação infantil.

Inclui referências.

1. Roda de Conversa. 2. Educação Emocional. 3. Educação Infantil. I. Bona, Viviane de. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)



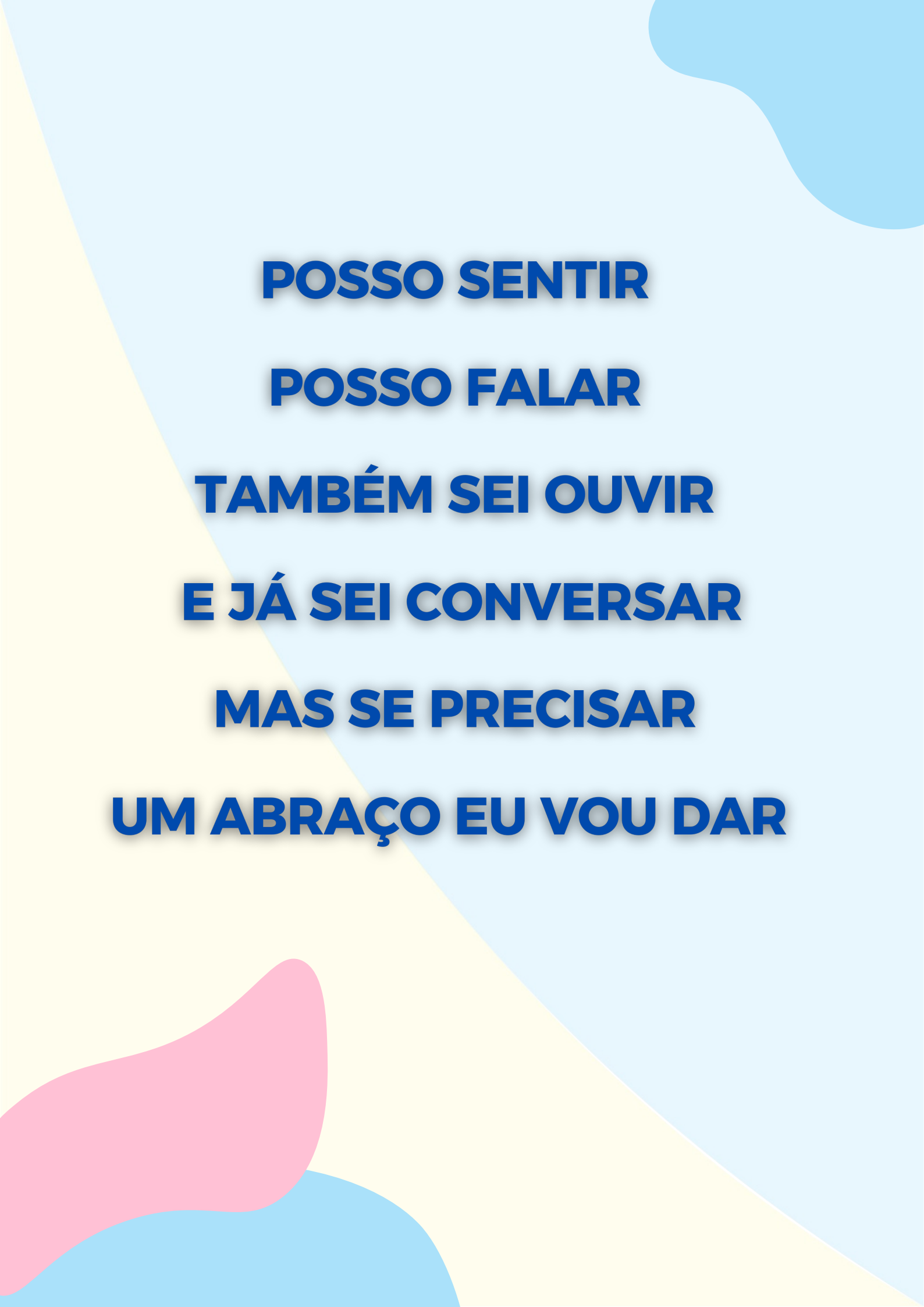
AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que me acompanharam nessa caminhada. Agradeço à minha orientadora, Viviane de Bona, pessoa extremamente acolhedora. À minha amada família. Aos professores do mestrado (MPEB). Aos meus colegas de curso, onde fiz grandes amizades; e, em especial, quero agradecer à professora, os ADIs e as crianças do G-IV com quem pude experienciar momentos ricos de troca em nossos encontros nas rodas de conversa, durante a realização da pesquisa. Agradeço a todas as companheiras de jornada na Educação Infantil do Recife que estão/estiveram comigo no cotidiano. Agradeço sobretudo, a gestão da U.E. (campo de pesquisa), pela parceria e permissão para realização da mesma, sendo este um lugar de muito afeto.

Dirciane Muniz

SUMÁRIO

Apresentação	05
1. Para começo de conversa - A Roda de Conversa	07
2. A Educação Emocional: um conceito ainda em construção	09
3. Os três passos da Roda de Conversa com foco na dimensão do Sentir	13
3.1 Passo 1 - Acordando os Sentidos	15
3.2 Passo 2 - As emoções na Roda	16
3.3 Passo 3 - Eu Sinto, Tu Sentes, Nós Sentimos	18
4. Perguntas Facilitadoras para a Roda de Conversa	19
5. Atividades complementares à Roda de Conversa	21
6. Instrumentos de Acompanhamento para o Docentes	22
Considerações Finais	27
Referências	31



POSSO SENTIR
POSSO FALAR
TAMBÉM SEI OUVIR
E JÁ SEI CONVERSAR
MAS SE PRECISAR
UM ABRAÇO EU VOU DAR

APRESENTAÇÃO

Olá!

Sou Dirciane Muniz, professora de Educação Infantil da Rede de Ensino do Recife. Esse material é fruto da minha pesquisa no Mestrado Profissional em Educação Básica da UFPE, intitulada: **A Inserção da Educação Emocional a partir da Roda de Conversa na Educação Infantil.**

A Educação Emocional é um tema relevante para o campo educacional na atualidade. Embora bastante difundido hoje em dia, essa temática, enquanto prática educativa, ainda se mostra um conhecimento em construção. É preciso saber mais a respeito para alcançarmos intervenções pedagógicas de qualidade. Ao estudar sobre esse tema, especificamente voltado para a Educação Infantil, realizei uma pesquisa com crianças do Grupo Infantil IV (4/5 anos) em uma unidade educacional da rede de ensino do Recife, onde foram vivenciados alguns eventos de Rodas de Conversa com foco na dimensão do sentir. Os resultados apontaram para a Roda de Conversa como um dispositivo pedagógico facilitador para a inserção da Educação Emocional junto à primeira infância; e como um espaço auto formativo de aprendizagens sobre o dialogar (fala e escuta de si mesmo e do outro) perpassado pelo campo da emoções.

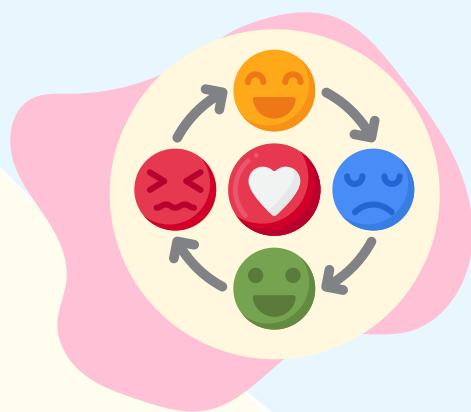
Apresento aqui dois textos com reflexões sobre a importância da Roda de Conversa e a compreensão de Educação Emocional.

Na sequência, trago uma proposta de prática em Roda de Conversa com foco na dimensão do sentir, elaborada a partir da experiência com a pesquisa, contendo: as etapas das ações, um quadro de “perguntas facilitadoras” para ser utilizado durante as rodas e algumas sugestões de atividades lúdicas que poderão ampliar as vivências com as crianças voltadas para autopercepção. Por fim, é disponibilizados os dois instrumentos construídos para a coleta de dados que poderão servir de referência para os registros do professor/professora.

Ressalto que esse material foi elaborado com o intuito de estimular novas reflexões acerca da Educação Emocional na Educação Infantil e espero que o mesmo possa ser ressignificado ou ampliado com novas práticas e que você construa um caminho próprio mais condizente com a sua realidade.

Dessa forma, desejando contribuir com a prática pedagógica da Educação Infantil ofereço uma proposta de Educação Emocional para ser vivenciada com a Roda de Conversa.

Vamos lá?



1 - PARA COMEÇO DE CONVERSA

A RODA DE CONVERSA

A Roda de Conversa na Educação Infantil faz parte da vivência diária desta etapa. Esse dispositivo é utilizado com diversos objetivos (roda de musicalização, roda de leitura, hora da novidade, dentre outras), iremos considerar a Roda de Conversa propriamente dita, como espaço para compartilhar saberes sobre si mesmo e sobre o mundo.

Segundo Bombassaro (2010, p. 26-27):

E quando falo da Roda na escola infantil, compreendo-a como Roda de Conversa, ou seja, um encontro entre professora e crianças para conversar sobre aquilo que lhes interessa, provoca, impressiona, instiga sobre o que estão estudando e desejam conhecer e aprender; sobre o familiar, o próximo, o cotidiano e o distante, o estranho, o inusitado; sobre seus medos, dúvidas e sentimentos; sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

Como um dos dispositivos pedagógicos mais potentes para se inserir a Educação Emocional, a Roda de Conversa com foco na dimensão do sentir pode tornar-se parte do processo educativo desde a primeira infância, utilizando esse momento como espaço de acolhimento, autopercepção, autoconhecimento e aprendizagens do dialogar.

Compreendendo que este seria o momento mais oportuno para desenvolver aprendizagens sobre fala e escuta aprofundando tais conhecimentos com experiências de percepção sobre a dimensão do sentir (sensações, emoções e sentimentos) no âmbito da dialogicidade.

Como centro norteador desse processo, temos a problematização, favorecendo a reflexão sobre o próprio sentir no momento da roda e valorizando as elaborações das crianças a respeito do que lhes ocorre na relação consigo mesmas, com o outro e com o mundo a sua volta.

O diálogo é sem dúvida uma das melhores formas de interação humana, o que torna fundamental o seu exercício desde a infância.

Segundo Freire (1987, p.85):

O diálogo é este encontro dos homens [e mulheres], mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo [...] Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir dos seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Estabelecer um diálogo com foco na dimensão do sentir, dentro dos espaços educativos, favorece novas aprendizagens e amplia o autoconhecimento de cada sujeito e/ou coletividade.

Espera-se que as crianças possam apropriar-se dos sentidos experimentados nas rodas de conversa e que desenvolvam a capacidade de se reconhecerem no tempo do aqui e agora, na relação com o outro e consigo mesmas, ao serem indagadas também sobre como se sentem naquele momento.

2 - A EDUCAÇÃO EMOCIONAL (UM CONCEITO AINDA EM CONSTRUÇÃO)

A Educação Emocional surge a partir dos conceitos das **Inteligências Múltiplas** de Haward Gardner (1980) e de **Inteligência Emocional** de Mayer e Salovey (1990), os quais tiveram ampla disseminação através do livro de Daniel Goleman (1995) intitulado: **A Inteligência Emocional**, voltado para o mundo empresarial e do trabalho. Estes conceitos colocaram em questão a concepção que se tinha da Inteligência como atributo estático que poderia ser mensurado através dos testes de QI (quociente de inteligência) e da análise fatorial. Uma ideia pautada por uma visão cartesiana em que predominava a separação entre corpo versus mente, razão versus emoção.

Avanços no campo da neurociência (Damásio, 1994) vêm enfatizando a emoção junto aos processos de pensamento e tomada de decisão. Para Mayer e Salovey (1990) a definição do termo “Inteligência Emocional” é:

[...] A capacidade de perceber emoções, ter acesso a emoções e gerá-las, de modo a ajudar o pensamento a compreender as emoções e o conhecimento emocional e a controlar as emoções de maneira reflexiva, para promover o crescimento emocional e intelectual. Esta definição combina as ideias de que a emoção faz pensar de maneira mais inteligente e de que as pessoas pensam de maneira inteligente sobre suas emoções. Ambas relacionam inteligência com emoção. (Mayer; Salovey, 1990, p. 17).

E na definição de Casassus (2009) as emoções são algo mais do que uma experiência biológica ou psicológica, mas, energias vitais.

Wallon (2008), descreve o processo de desenvolvimento e crescimento como cheio de rupturas, retrocessos, inconstâncias e não lineares. É onde a afetividade está presente dando o contorno para ações e pensamentos, ou melhor, na medida em que há crescimento, as novas aprendizagens vão sendo ressignificadas e integram-se ao todo, que é a pessoa (pensamento e emoção).

Ao pensar novas abordagens para ensinar as crianças como lidar com a dimensão do sentir, parece-me fundamental partir de uma prática social, como a roda de conversa, propondo reflexões acerca das formas como nos relacionamos ou como nos comportamos frente as diversas situações, compreendendo as emoções que surgem.

É preciso que nós, adultos, possamos refletir sobre os conceitos culturais atrelados as manifestações emocionais, pensando sobre questões do tipo: Por que não é tão aceitável chorar em público? Por que isso seria um sinal de fraqueza? Por que não podemos mostrar nossas fragilidades? Não posso reconhecer que estou sentindo medo? Ou vergonha? Ou, por que sentir raiva é “feio”?

Dessa forma, iremos perceber o quanto a educação doméstica e escolar tem reforçado certas crenças ao desconsiderar/desvalorizar as emoções como um referencial importante para o sujeito. Algo que sem dúvida irá interferir nas escolhas que precisam ser feitas ao longo da vida.

Devido ao crescente interesse por esse campo, surgem pesquisas e programas voltados para o desenvolvimento de competências socioemocionais, o que vem sendo aprofundado nas discussões teóricas no mundo todo.

Muito embora as competências socioemocionais incluam as emoções, essas práticas dizem respeito ao controle das dinâmicas interativas com ênfase no sujeito social e na construção de possíveis relações positivas e satisfatórias, voltadas para uma perspectiva adaptativa. A proposta apresentada pretende focar no campo da emocionalidade humana, considerando que a mesma é uma construção do próprio sujeito na interface com o seu contexto social e cultural. E nesse sentido, alinha-se com uma perspectiva de Educação Emocional na direção do conhecimento, do diálogo e do exercício da escuta (de si e do outro) em que a experiência e a reflexão sobre a experiência sejam o foco principal das aprendizagens, as quais, se darão ao longo da vida de cada indivíduo.

Como nos sentimos, passa pela nossa condição social, sendo fundamental reconhecer que as construções identitárias são atravessadas por questões de gênero, classe, etnia e demais condições existenciais específicas que marcam muitos sujeitos desde o nascimento, com estigmas sociais que levam a exclusão e ao sofrimento emocional.

A Educação Emocional tem sua relevância sob o ponto de vista da dignidade humana, na medida em que a reconhecemos como um direito fundamental à expressão dos sentimentos, inclusive na infância, sem que isso implique em constrangimentos, discriminação, intimidação, invisibilidade e outras tantas formas de “violação” (termo comum aos Direitos Humanos).

É na Primeira Infância onde se formam as primeiras construções identitárias; as primeiras referências de relações sociais; as bases da autoestima; as primeiras introjeções de valores; as crenças e a construção de representações culturais, o que torna a inserção da Educação Emocional na Educação Infantil algo necessário.

Por fim, olhar mais para as nossas emoções, falar sobre o que sentimos, desenvolver um melhor vocabulário emocional, ser criativo em expressá-las ao mundo, sem receio, percebê-las no outro e também saber ouvir de forma empática, é um grande desafio que está posto para o campo da educação.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023)

3 - OS TRÊS PASSOS DE UMA RODA DE CONVERSA COM FOCO NA DIMENSÃO DO SENTIR

Para estabelecer uma Roda de Conversa com crianças pequenas é preciso entender como é o seu funcionamento. Há uma aprendizagem que é anterior e permanece simultânea aos objetivos das mesmas.

Segundo Warschauer (2017, p.107):

[...] a Roda é uma continuidade de encontros com um mesmo grupo de pessoas, em uma frequência estabelecida para esses encontros, centrados nas reflexões e na sua partilha. É um espaço seguro para se conversar mais abertamente. Mas essa abertura é construída aos poucos. No primeiro encontro, o principal é a apresentação das características daquela Roda - objetivos, frequência e dia dos encontros - e as apresentações pessoais.

Desde o primeiro encontro, é importante que as decisões não partam sempre do adulto, mas que haja o envolvimento das crianças enquanto grupo ativo que participa das escolhas. Assim, convidá-las a pensar qual seria o melhor local para a roda: na sala? Fora da sala? Em outros espaços? Se desejam sentar em tapetes, almofadas, cadeirinhas, areia ou na grama, são os primeiros passos do encontro.

A configuração da circularidade também poderá ser construído com o grupo. Caso as crianças sentem-se enfileiradas, em linha reta, será preciso um tempo para que compreendam a importância da circularidade como a melhor forma de ver a todos, inclusive a professora (o membro adulto, responsável por mantê-la em movimento, é um outro que sente e que poderá compartilhar também as suas emoções do momento).

A Roda de Conversa propriamente dita, como definida por Bombassaro (2010) é a mais desafiadora para o professor. Como também apontam Lopes, Castelan e Pestana (2004, p.2, grifo do autor [sic]):

Por sua proposta de constituição como espaço do exercício democrático, onde a fala e a escuta são os principais instrumentos de participação, a Roda de Conversa torna-se uma actividade “desafiante” para o adulto que proporciona a sua dinamização. Desafiante porque exige que ele “tendo um papel de participante igual ao das crianças, tenha também o papel de coordenador da conversa, sem, no entanto, impor suas ideias ao grupo, castrar a altivez das crianças (como dizia Paulo Freire), tolher sua forma de organizar e apresentar ideias.” A própria disposição física dos participantes da actividade (incluindo aí o adulto) - geralmente sentados em forma circular - representa de forma tangível o sinal de pertença democrática ao grupo.

A RODA DE CONVERSA COM FOCO NA DIMENSÃO DO SENTIR É UM MOMENTO ONDE O PROFESSOR DEVERÁ MANTER O FOCO DO DIÁLOGO NO CAMPO DAS SENSações, SENTIMENTOS E EMOCIONALIDADE DAS CRIANÇAS, BUSCANDO AMPLIAR A COMPREENSÃO DESTAS SOBRE A DIMENSÃO DO SENTIR.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023)

3.1 - PASSO 1

ACORDANDO OS SENTIDOS

É o momento de aconchego, de acomodação do corpo ao espaço, de relaxamento das tensões, de silenciamento das ideias e conexão com os sentidos e as sensações. Para isso, serão propostas atividades de relaxamento e atenção plena especialmente direcionadas para as crianças, com técnicas lúdicas de respiração lenta.

Utilizei muito a técnica de imaginar uma florzinha e uma velinha; então cheirarmos a florzinha e soprarmos bem devagar a velinha e fui acrescentando um temporizador que chamei de “Cri,cri” e aí realizamos os movimentos respiratórios no tempo de três “Cri’s”(cri..cri..cri..). Temos a técnica de encher a barriga como um balão e depois esvaziar bem. Podemos colocar as mãos sobre o coração, fechar os olhos e respirar devagar “sentindo o que o coração está dizendo”. Essa possibilidade de dar voz ao coração, funcionou positivamente, pois, sempre que queriam falar sobre como estavam se sentindo ou mesmo dizer o que estavam desejando naquele momento, as crianças diziam: “Olha, o meu coração tá com vergonha”, ou, “o meu coração tá dizendo pra eu correr”, ou, “o meu coração tá dizendo que eu quero ir pra praia com minha mãe e meu pai...”



Fonte: Acervo de pesquisa (2023)

3.2 - PASSO 2

AS EMOÇÕES NA RODA

Esse é o momento da expressão oral ou gestual, do exercício do diálogo, da escuta do outro e de si mesmo com o compartilhamento de experiências sensoriais, emocionais e sentimentais, conduzidos e facilitados pela mediação do adulto (professores). Claro que não acontece de uma forma organizada e sistemática o tempo todo, um falando por vez. Há na verdade ondas de caos e silêncios, falas emocionadas, intercorrências (como conflitos), há interferências (estamos em uma instituição). O mais importante é manter-se aberto ao novo sempre, ser surpreendido, apostar no inusitado, e colocar-se em um lugar de aceitação e receptividade, considerando as crianças na sua diversidade e com suas singularidades.

As crianças se expressam corporalmente também. Apesar de ser uma roda de conversa podemos tentar compreendê-las através de outras formas de expressão. Por exemplo, quando a criança se joga de repente no meio da roda e deita-se no chão, podemos perguntar o que ela poderia estar sentindo para fazer aquele movimento, ou, como está se sentindo naquele momento deitada no chão. Sem muitos aprofundamentos, mas, levando o grupo a perceber que quaisquer que sejam as nossas ações e recusas há sensações envolvidas que passam pela dimensão do sentir. Mesmo que ainda não saibamos dizer o que estamos sentindo, a autopercepção é fundamental para identificar e reconhecer aquilo que se passa internamente.

Com a continuidade das rodas vamos perceber que podemos avançar levando as nossa indagações para outro nível, se percebemos que

as crianças já identificam as sensações, emoções, e nomeiam claramente, podemos ampliar para as motivações, considerando a reflexão sobre as mesmas ou para as estratégias de autorregulação.

Quando apresentam o medo como tema central, podemos perguntar o que fazem quando sentem medo de algo, ou **como** fazem para se acalmar quando estão com muita raiva. Trazendo também sugestões (dar uma volta, ouvir histórias, brincar sozinho, beber água ou respirar fundo). Expressões gestuais como os braços cruzados, podem ser utilizadas para indagarmos o que significa aquela postura naquele momento, ou ainda, chamarmos a atenção para uma expressão facial de “olhos arregalados”, ou, “lábios cerrados”; o importante é seguir o fluxo das crianças... Há crianças que se tornam falantes, há crianças que se movimentam mais, há crianças que mantêm uma postura mais silenciosa, que preferem observar, há crianças que possuem uma condição específica, não importa, qualquer que seja a forma como a criança se manifeste será um ponto para iniciar uma conversa sobre a dimensão do sentir.

Sabemos que as crianças nessa etapa da vida ainda se apoiam na fantasia para elaborar suas ideias. O real e o imaginário estarão presentes em algumas das falas, como nesse exemplo: “a minha mãe comprou um tigre e eu tive medo”, falamos sobre o medo. É importante que o adulto possa respeitar o tempo do outro-criança em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem.

3.3 - PASSO 3

EU SINTO, TU SENTES, NÓS SENTIMOS

É o momento de reelaboração através da projeção e da materialização da síntese possível sobre aquela vivência da roda, realizada com as crianças. Podendo propor atividades utilizando diferentes recursos expressivos como: desenho, pintura, modelagem, colagem, composições com diferentes materiais, e tantas outras em diferentes suportes, sobre da vivência na Roda de Conversa naquele dia ou naquela semana. Esse momento também poderá ocorrer de forma oral, perguntando sempre no final, sobre o que acharam daquela roda de conversa.

O professor/professora poderá trazer as suas impressões, dizer se houve algum ponto que chamou mais atenção, por ter sido divertido ou emocionante. Poderá também ser criativo e utilizar algum poema pra recitarem no final, ou, criarem alguma coreografia, enfim, uma forma de finalização. Para as rodas com as crianças do grupo IV (sujeitos da minha pesquisa) eu criei este versinho:



Fonte: Acervo de pesquisa (2023)

“Posso Sentir, Posso Falar, Também sei Ouvir e já sei Conversar, mas se precisar um Abraço eu vou dar!”

4 - PERGUNTAS FACILITADORAS PARA A RODA DE CONVERSA

O momento da roda é um momento de aproximação entre as pessoas. Aos poucos, cada um no seu próprio tempo, poderá compreender esse fazer, e se aventurar, ao falar de si para o grupo. Embora o adulto seja aquele que observa, analisa e tenta controlar o tempo e as intercorrências do contexto, o mesmo também precisa se aventurar a estar com as crianças de outra forma, com uma outra postura, menos controladora, ocupando um lugar de maior escuta. Quem se dispor a fazê-la irá se surpreender com a potência que a roda de conversa é capaz de trazer para todos. Em algum momento, aquela criança tímida, assume sua vergonha, seu medo; ou aquela criança agitada, percebe-se ansiosa e vai poder falar de seus desejos.

Considero a roda de conversa um momento rico e de auto formação para o professor/professora que terá a possibilidade de refletir sobre si, sobre seu trabalho diário e sobre como se sente diante de alguma manifestação expressa em especial. Às vezes, ocorrem mudanças na percepção de uma criança a partir destes encontros. É possível que ocorram transformações no grupo.

Para auxiliar os docentes na manutenção do foco da roda na dimensão do sentir, elaboramos algumas perguntas que irão ajudá-los nessa interlocução junto as crianças. Claro, não são rígidas e imutáveis, mas são perguntas direcionadas para favorecer a percepção sobre o que sentimos e como sentimos.

1. Como vocês estão se sentindo agora? O objetivo é buscar manter a atenção da criança para a experiência do momento presente.

2. Como você sabe que está sentindo (emoção)? O objetivo é estabelecer a conexão emoção e razão

3. O que acontece no seu corpo quando você se sente assim? O objetivo é ampliar a consciência corporal-emocional

4. O que você faz quando sente (emoção)? O objetivo é perceber as formas de expressão

5. Você já sentiu (emoção) outras vezes? O objetivo é perceber a emoção como algo transitório

6. O que te fez sentir (emoção)? O objetivo é perceber a relação emoção-situação (interna ou externa)

7. Você já percebeu alguém sentindo (emoção)? O objetivo é perceber que é capaz de identificar a emoção do outro

8. O que você sentiu quando percebeu que o outro estava sentindo (emoção)? O objetivo é perceber que somos capazes de estabelecer conexões emocionais (Base da empatia)

9. O que você faz quando percebe que alguém está sentindo (emoção)? O objetivo é perceber-se corresponsável na interação com o outro

10. O que você faz pra se sentir melhor quando sente (emoção)? O objetivo é pensar sobre as estratégias de autorregulação emocional

5 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES À RODA DE CONVERSA

As atividades complementares à Roda de Conversa são práticas que podem ser elaboradas pelo professor/professora a partir das vivências nos encontros. Desde atividades preparatórias, como situações para ativar os sentidos, a concentração, a conexão com o corpo, até atividades que podem suceder-se ao momento da conversa. Para promover o alívio de tensões geradas durante a roda poderá ocorrer um momento de relaxamento ou de atividades utilizando os recursos da arte. O professor/professora pode sentir que ainda precisa oferecer um espaço para as crianças expressarem-se de outras formas.

A Roda de Conversa é apenas um ponto de partida, um dispositivo pedagógico para inserir a Educação Emocional como dito pela pesquisa, ou seja, a partir da experiência do grupo, poderão surgir projetos e/ou atividades diversas, alinhadas aos interesses daquela turma. O mais importante são as aprendizagens sobre o ato de conversar, o desenvolvimento de habilidades como, identificar, reconhecer e expressar com mais clareza aquilo que estão sentindo, recorrendo a formas cada vez mais conscientes e eficazes de estar na relação consigo, com o outro e com o mundo a sua volta.

6 - SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA ANTES OU DEPOIS DA RODA

Atividade 1:

Convidar as crianças a manterem a atenção num evento sonoro. As crianças ficarão curiosas por não estarem visualizando o objeto que estará produzindo o som. O professor conduzirá todo processo utilizando este elemento, mantendo a atenção e favorecendo o relaxamento das crianças.

EX: (barulho de um guiso) P: Vocês, estão ouvindo esse barulho? Eu estou escutando algo, (barulho). Vocês escutaram novamente? Acho que para ouvir melhor vamos precisar ficar em silêncio...que tal a gente ficar parado também? (e segue conduzindo as crianças para uma posição mais confortável, cada um do seu modo, podendo deitar-se, fechar os olhos..)

Fonte: Da autora (2023)



Fonte: Acervo de pesquisa (2023)

Atividade 2:

Ex; Ao mostrar um vídeo de uma lagarta (“falsa medideira”) que estica e encolhe para se locomover, convidar as crianças para fazer isso com os dedos das mãos, com os dedos dos pés, com as mãos, com os braços, como as pernas, com a barriga, com a boca.. como todo corpo.. perguntando: Qual é a sensação? É melhor assim? Ou assim? Como você se sente quando você fica nessa posição? Como você gosta de dormir? E como a gente fica quando sente frio? E como a gente faz quando acorda? Quando a gente fica no colo? E quando a gente fica chateado? Ou triste? Qual a posição?

Convidar as crianças para fazerem alguns exercícios de alongamento e incluir os movimentos de encolher e esticar. Primeiro em pé, depois sentados e por fim deitados.

Fonte: Da autora (2023)

Atividade 3:

Escutando os sons do nosso corpo. Convidar as crianças para colocarem as mãos no peito e sentir o coração, na barriga e perceber o movimento e indagar quais são os outros sons que o nosso corpo pode ter. Perguntar se elas percebem algum som no seu corpo.

Ex: Vamos descobrir os sons que a gente tem no corpo? Quem consegue fazer um barulho com as mãos? E com os pés? E com os dedos? E com a língua? E se a gente ficar parado será que tem algum barulho dentro da gente? Bora escutar? Como podemos fazer para escutar estes barulhos de dentro? Vamos escutar o barulho no corpo do colega também? Quando a gente está triste, qual é o som que nós fazemos? E quando estamos alegres? E com medo? A gente faz algum som ou fazemos silêncio?

Fonte: Da autora (2023)

Atividade 4:

O nosso corpo fala. Convidar as crianças a escutar o que o seu corpo pode estar lhe dizendo nesse momento.

Ex: Vamos ver se a gente consegue escutar o nosso corpo? O que será que o pé está dizendo? E a mão? E a barriga? Quando a gente precisa de alguma coisa o nosso corpo é quem nos diz não é? Onde a gente sente que está com fome? E com sede? E quando precisamos fazer xixi? E com sono? O que mais o corpo pode nos dizer? Quando estamos com medo aonde a gente sente o medo? E com raiva? E feliz? E triste? O que acontece?

Fechamento: Um abraço em si mesmo. (registrar em foto: “Obrigado meu querido corpo falante por me dizer tudo que eu preciso!”)

Fonte: Da autora (2023)

Atividade 5:

Percebendo as expressões faciais das emoções.

Mostrar com expressão facial as quatro emoções básicas. E perguntar: Alguém sabe dizer o que estou sentindo? Convidar as crianças a irem mostrando a sua expressão para aquela emoção. Como você faz quando sente “x”? Depois, pedir para que cada um vá se observando no espelho com as suas expressões (observando a si mesmo), Em seguida convidar um a um para ir ao centro da roda e fazer uma expressão para que o grupo identifique.

Finalizar: olhar para todos os colegas e escolher um para perguntar se pode dar um abraço.

Fonte: Da autora (2023)

Atividade 6:

Iniciar convidando as crianças a deitarem e colocarem um objeto na barriga enquanto respira sem deixar o objeto cair. Respirando bem devagar. Depois, pedir que fechem os olhos e escutem os sons de um áudio, especialmente preparado para essa atividade. (áudio com o som de risadas, choros e gritos). Conversar sobre o que acharam.

Ex: O que será que estas pessoas estão sentindo? (risadas). O que faz vocês darem risadas? E agora? O que estas pessoas estão sentindo (choros, gritos) O que pode te fazer chorar? Conversar sobre os sons do nosso corpo, dizendo que além destes sons, também temos o som da nossa voz e com ela podemos falar o que estamos sentindo. E também podemos perguntar se alguém está sentindo algo.

Fonte: Da autora (2023)

Atividade 7:

Experimentando sensações. Convidar as crianças para Fecharem os olhos e ao tocarem nos materiais, relatarem as sensações táteis se são agradáveis ou não.

Ex: Trazer uma caixa com uma abertura para que as crianças toquem alguns objetos e relatem as suas sensações táteis. Conversar sobre a experiência do que nos agrada e do que nos desagrada.

Finalizar com a troca de carinho: Fazer um gesto de carinho em alguém e pedir um carinho para alguém do grupo.

Fonte: Da autora (2023)

Atividade 8:

Perguntar como estão se sentindo. Falar sobre as vivências e finalizar com a dinâmica do abraço.

Ex: 4 fantoches do abraço (fantoches com braços longos, coloridos, cada um representa uma emoção e um pedido de um abraço)

- Vermelho – Raiva (“Estou com raiva, talvez um abraço possa me acalmar”);
- Azul – Tristeza (“Estou triste, preciso de um abraço”)
- Amarelo – Alegria (“Estou feliz posso te abraçar?”)
- Verde – Medo (“Estou com medo, um abraço agora pode me fazer sentir melhor”)

Fonte: Da autora (2023)



Fonte: Acervo de pesquisa (2023)

7 - INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO PARA DOCENTES

Acreditamos que é importante ter alguma forma de registro do professor/professora para poder acompanhar o desenvolvimento das crianças, bem como, para saber sobre o nível de interesse e participação das mesmas nesses eventos coletivos. Assim, pode-se obter informações que os auxiliem a compreender todo o processo, podendo também encontrar novos caminhos, caso haja necessidade.

Dessa forma, apresento, como sugestão, os dois instrumentos que desenvolvi como suporte de registro de dados durante a pesquisa. O primeiro, tem como objetivo obter um panorama mais geral de participação, das formas mais utilizadas de expressão e do conteúdo das falas, podendo ser utilizado ao término de cada evento de roda, sendo rápido e prático. O segundo tipo de instrumento, aborda questões mais específicas, portanto, mais aprofundadas sobre o processo de cada indivíduo. Nesse caso, sugiro utilizar num espaço de tempo relativamente maior, seja semanal, quinzenal ou até mesmo mensal.

FICHA DE ACOMPANHAMENTO COLETIVO

TURMA: _____ Data: ____/____/20____

Meninos: _____ Meninas: _____ Duração: _____

1. Participação

- ☐ Todos participaram
- ☐ Alguns participaram
- ☐ Só dois participaram
- ☐ Não houve participação (motivo: _____)

2. Expressões das crianças

FALA

- ☐ Todos/maioria
- ☐ Cerca da metade
- ☐ Poucos/minoria
- ☐ Nenhum

GESTOS/MOVIMENTOS

- ☐ Todos/maioria
- ☐ Cerca da metade
- ☐ Poucos/minoria
- ☐ Nenhum

EXPRESSÃO FACIAL

- ☐ Identifiquei
- ☐ Não identifiquei

SILÊNCIO

- ☐ Todos/maioria
- ☐ Cerca da metade
- ☐ Poucos/minoria
- ☐ Nenhum

3. Quanto ao conteúdo das falas das crianças em relação ao tema (emoções e sentimentos)

- ☐ Percebeu coerência em todos/maioria das falas
- ☐ Percebeu coerência em cerca da metade das falas
- ☐ Percebeu pouca coerência das falas
- ☐ Nenhuma coerência das falas

Fonte: Da autora (2023)

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

Nome: _____

Turma: _____

	SIM	NÃO
1. A criança identifica seus estados emocionais?		
2. A criança consegue trazer para a roda as emoções do momento presente?		
3. A criança expressa oralmente seus estados emocionais na roda?		
4. A criança utiliza outras formas para expressar seus estados emocionais?		
5. A criança consegue falar sobre seus estados emocionais com coerência?		
6. A criança consegue estabelecer relação entre as sensações corporais e seus estados emocionais?		
7. A criança consegue relatar as suas percepções sobre as formas de expressão de seus estados emocionais?		
8. A criança consegue perceber outros momentos em que se sentiu dessa forma?		
9. A criança relata situações vivenciadas como desencadeadoras de seus estados emocionais?		
10. A criança identifica os estados emocionais dos outros?		
11. A criança adota estratégias para abordar as emoções expressas pelo outro?		
12. A criança adota estratégias de autorregulação emocional?		

Fonte: Da autora (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desejo que este material sirva de inspiração e estímulo para os profissionais da Educação Infantil que lidam no cotidiano com as manifestações emocionais das crianças pequenas. As nossas crianças são diversas, cada ser é único e possui suas formas próprias de estar no mundo e portanto tem o direito de expressá-las.

Quero lembrar que cada Roda também será única, com suas configurações necessárias àquele grupo, no aqui e agora. Não é uma receita a ser seguida, mas é preciso manter uma postura de receptividade ao novo. O fundamental é que o professor/professora avance em seus estudos sobre esse tema, ampliando suas referências e se posicionando frente as propostas de intervenção pedagógica nesse sentido (inclusive esta). Apostamos numa Educação transformadora, como apontada por Freire (1987), e acreditamos cada vez mais nesse processo de escuta e acolhimento das crianças.

Por fim, prezamos pela a ética na prática educativa da Educação Infantil do Recife, reafirmando o compromisso com a formação humana e cidadã para as nossas crianças pequenas.

Um forte abraço!

REFERÊNCIAS

BOMBASSARO, Maria Cláudia. **A roda da educação infantil**: aprendendo a roda aprendendo a conversar. Dissertação (Mestrado) Porto Alegre: Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28810>

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Organização das nações unidas para a educação, ciência e a cultura (UNESCO) e liber livro, 2009.

DAMÁSIO, Antônio Rosa. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.

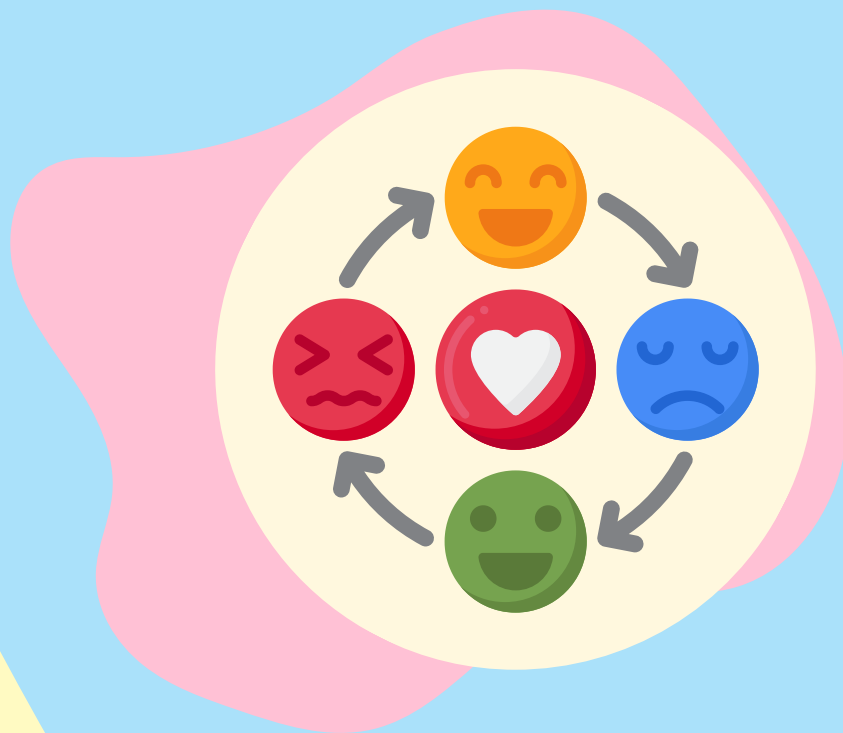
GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes. 2008.

COLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

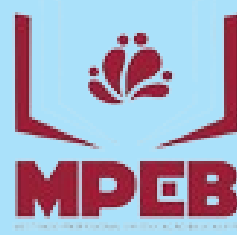
LOPES, Adilson; ZELMA, Castelan; VÉRA, Pestana. **A roda de conversa e a democratização da fala - conversando sobre educação de infância e dialogicidade**. IV Fórum Internacional Paulo Freire. "Caminhando para uma cidadania multicultural". Portugal: Instituto Paulo Freire, Set/2004. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3839/2/FPF_PTPF_01_0560.pdf

SALOVEY, Peter; SLUYTER, David J. (org.). **Inteligência emocional da criança**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



ISBN: 978-65-01-04257-2



CDL

9 786501 042572